



Interdisciplinary

LINKSCIENCEPLACE

DOI: 10.17115

ISSN: 2358-8411

Scientific Journal



Interdisciplinary Scientific Journal. ISSN: 2358-8411

Nº 4, volume 4, article nº 9, October/December 2017

D.O.I: <http://dx.doi.org/10.17115/2358-8411/v4n4a9>

Accepted: 12/06/2017 Published: 30/12/2017

## AGING IN THE ROMA POPULATION: A STUDY ON CULTURE AND LIFESTYLES

## ENVELHECIMENTO NA POPULAÇÃO CIGANA: UM ESTUDO SOBRE CULTURA E MODOS DE VIDA

**Rachel Pontes Pessanha Fernandes<sup>1</sup>**

Mestranda do Programa de Pós Graduação Cognição e Linguagem na UENF- Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil.

**Rosalee Santos Crespo Istoe<sup>2</sup>**

Doutorado em Saúde da Criança e da Mulher pela Fundação Oswaldo Cruz/RJ.

**Fernanda Castro Manhães<sup>3</sup>**

Pós-doutoranda em Cognição e Linguagem na Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF.

**Ivana Ferreira de Andrade<sup>4</sup>**

Mestranda do Programa de Pós Graduação Cognição e Linguagem na UENF- Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil.

**Flavia da Cunha Pereira<sup>5</sup>**

Mestranda do Programa de Pós Graduação Cognição e Linguagem na UENF- Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil.

---

1 Psicologia pela Universidade Estácio de Sá, Tem experiência na área de Psicologia clinica, Arteterapia, Oficinas com a terceira idade e RH Estratégico em empresas Brasil, [rachelpontespsi@hotmail.com](mailto:rachelpontespsi@hotmail.com)

2 Psicóloga e Professora do Curso de Mestrado e Doutorado em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, [rosaleeistoe@gmail.com](mailto:rosaleeistoe@gmail.com)

3 Doutorado em Ciências da Educação pela Universidade Autônoma de Assunção - UAA (Revalidação UFAL), Mestrado em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF. Licenciada em Pedagogia, Licenciada em Educação Física. Atualmente é Diretora Acadêmica da Faculdade Metropolitana São Carlos - FAMESC, [castromanhaes@gmail.com](mailto:castromanhaes@gmail.com)

4 Psicologia pela Universidade Estácio de Sá, e especialização em GESTÃO EM SAÚDE MENTAL pela Universidade Candido Mendes(2015). Atualmente é psicóloga da Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes, Brasil, [rachelpontespsi@hotmail.com](mailto:rachelpontespsi@hotmail.com)

5 Mestranda em Cognição e Linguagem na instituição Universidade Estadual do Norte Fluminense- Darcy Ribeiro (UENF) Brasil, [rachelpontespsi@hotmail.com](mailto:rachelpontespsi@hotmail.com)

**Abstract:** The aging process in the population has been evidenced in studies that refer to data and characteristics of the population in general. On the other hand, there are few scientific studies that address this theme in the minorities that inhabit the Brazilian territory. Faced with this fact, the present study aims to bring contributions regarding the aging process, in the culture of the peoples popularly known as gypsies, making a cultural and historical survey of these communities, in an attempt to find material scientifically recognized in the literature and open space for New research in the area, which will enable advances and improvements in public policies aimed at helping the aging process of these communities.

**Keywords:** aging, gypsies, minority

**Resumo:** O processo de envelhecimento na população tem se mostrado em evidência em estudos que remetem a dados e características da população em geral. Em contrapartida, são escassos trabalhos científicos que abordem tal temática nas minorias que habitam o território brasileiro. Diante de tal fato, o presente estudo visa trazer contribuições no que tange ao processo de envelhecimento, na cultura dos povos conhecidos popularmente como ciganos, fazendo um apanhado cultural e histórico destas comunidades, na tentativa de encontrar material reconhecido cientificamente na literatura e abrir espaço para novas pesquisas na área, que possibilitem avanços e melhorias nas políticas públicas que visam auxiliar no processo de envelhecimentos destas comunidades.

**Palavras-chave:** envelhecimento, ciganos, minoria

## INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de uma incursão na bibliografia a respeito do processo de envelhecimento nos povos nômades, dando ênfase ao povo cigano que se encontra no território brasileiro. Para a elaboração deste trabalho foi preciso garimpar na literatura científica, textos que pudessem colaborar na pesquisa, tendo em vista ser um tema de pouca citação e referências no território brasileiro.

Para chegar ao cerne da questão deste trabalho, foi preciso fazer um apanhado sobre o processo de envelhecimento como um todo e trazer a compreensão do que vem a ser o povo chamado popularmente de cigano, abordando sobre seus costumes e sua trajetória histórica no mundo. Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo unir essas duas variáveis e a partir de uma revisão da literatura sobre estes temas construir uma reflexão sobre o envelhecimento na etnia cigana, a fim de mostrar a importância de novos e mais aprofundados estudos, visando à contribuição para a criação e melhoria de políticas públicas em tal área, especificamente no Brasil.

Estudos na literatura brasileira mostram a escassez de pesquisas nessa área, por inúmeros fatores que serão discutidos ao longo deste artigo, sendo o principal deles a dificuldade em encontrar documentos e pistas que levem a acontecimentos que marcam a história desses povos. Tendo em vista a cultura da oralidade presente nas comunidades ciganas, que costumam passar suas crenças e hábitos de vida por meio de suas histórias contadas de forma oral, principalmente entre os membros dos grupos ciganos, havendo ainda certo receio de passar seus costumes aos que não fazem parte de sua etnia, pois muitas das histórias e lendas a respeito dos ciganos foram passadas pelos gadjés (povo não cigano), sendo muitas vezes carregadas de estereótipos e preconceito.

## **ENVELHECIMENTO POPULACIONAL**

No final do século XIX, iniciou-se o controle das doenças infecciosas e parasitárias em alguns países da Europa Ocidental, estendendo-se pelos países desenvolvidos, aumentando a expectativa de vida das populações, ocorrendo de forma gradual, acompanhado pela elevação do nível de vida da população, pela urbanização das cidades, por melhores condições nutricionais, sanitárias e ambientais. Nas últimas décadas, esse controle também pôde ser observado nos países em desenvolvimento, juntamente com a queda da fecundidade, (SILVA, 2017) ocasionando assim, o crescimento da população idosa que é um fenômeno mundial, especialmente nos países em desenvolvimento.

A questão do envelhecimento e da longevidade humana é algo que já se fazia presente na mais remota história do mundo, seja nos primórdios da civilização, que começou-se a construir túmulos para enterrar seus entes queridos, seja como preocupação constante do homem com sua própria fragilidade. (CÍCERO, 2006)

No Brasil, os idosos são definidos cronologicamente como aquelas pessoas que estão com 60 anos ou mais. Esse critério já era utilizado como referência à proteção de direitos especiais, pela Organização Mundial da Saúde, para analisar o fenômeno do envelhecimento populacional, com a ressalva da diferença estipulada no seu limite: para países desenvolvidos, 65 anos, e subdesenvolvidos 60 anos.

A trajetória do envelhecimento humano comporta expressiva variabilidade, dependendo do nível de desenvolvimento biológico e psicológico atingido pelos indivíduos e pelas coortes em virtude da ação conjunta da genética, dos recursos

sociais, econômicos, médicos, tecnológicos e psicológicos. (MALLOY-DINIZ, FUENTES, COSENZA, 2013)

Diante das variedades de definições que estudamos do envelhecimento destacaram-se as seguintes: Yates (1993), referido por Fonseca (2006, p.58), define o envelhecimento:

Como um processo termodinâmico de quebra de energia, geneticamente determinado e condicionado sob o ponto de vista ambiental, deixando para trás resíduos que progressivamente aumentam a probabilidade de ocorrência de doenças e outras situações de instabilidade dinâmica, que por fim resultam na morte.

Fonseca (2010, p125), define envelhecimento “como um período do ciclo de vida em que a generalidade das características pessoais (biológicas, psicológicas e sociais) muda de uma forma relacionada entre si, orientando-se progressivamente para a construção de uma imagem de si mesmo como idoso”.

E Carvalho Filho e Papaléu Netto, 2000; Jordão Netto, 1997; Vieira Brandão, 1995, definiram como um processo dinâmico e progressivo ocorrendo modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas, com ritmo e intensidade diferentes para cada indivíduo, que determinam progressiva perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levá-lo à morte.

A longevidade do homem é uma realidade incontestável. A cada nova época, vive-se mais, prolonga-se o tempo da existência ao máximo, mas, por outro lado, ninguém quer ficar velho, teme-se e despreza-se o desconhecido (COSTA, 2003).

Hedck e Langdon (2002) afirmam que o processo de envelhecimento apresenta variações construídas socialmente nos diferentes grupos sociais, de acordo com a visão de mundo compartilhada em práticas, crenças e valores. O envelhecimento é vivido de modo diferente de um indivíduo para o outro, de uma geração para outra e de uma sociedade para outra. (UCHÔ E FIRMO, 2002)

## **O POVO CIGANO: SUA HISTÓRIA E COSTUMES**

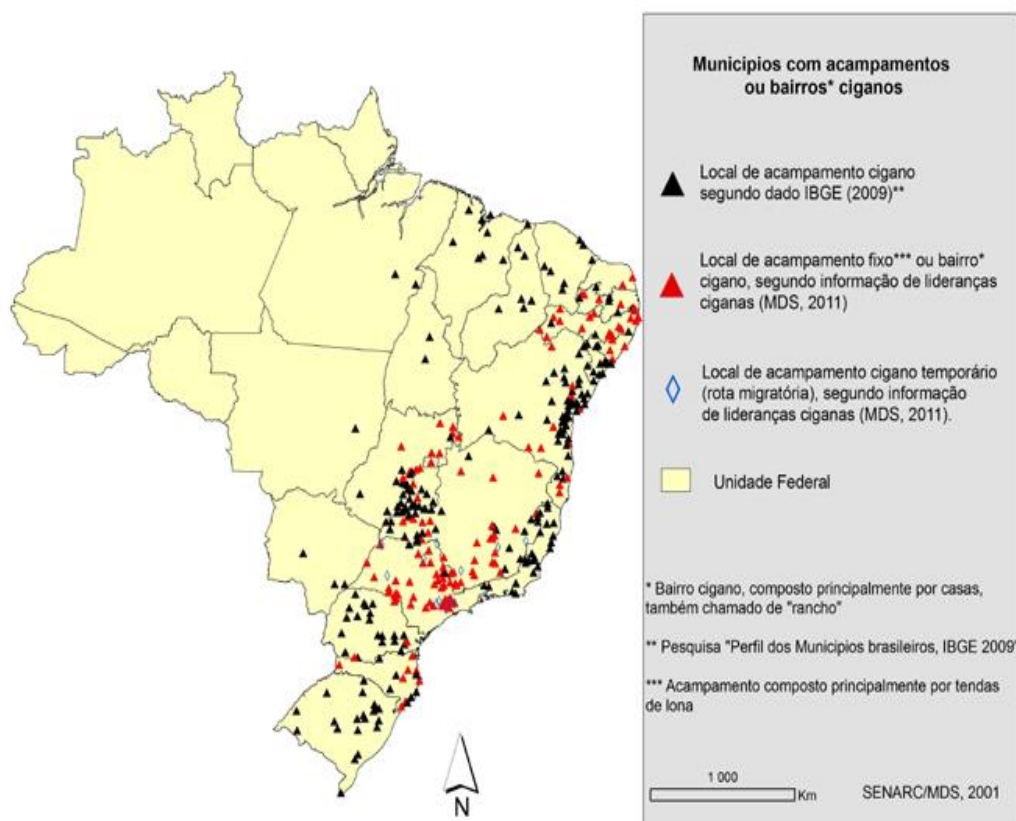
Muitas lendas giram em torno da história da origem dos povos ciganos, porém estudiosos desta cultura, chegam a um consenso por meio de estudos de linguistas que relatam que tal etnia deveria ser advinda da Índia. Tal hipótese se deu, pois um

estudante húngaro encontrou semelhanças entre a língua falada pelos ciganos que se encontravam na sua cidade e os povos indianos, constatando-se uma ponte entre a língua cigana e o sânscrito (MOONEN, 2012). Apesar de muitos estudos corroborarem com essa tese, estudiosos como Fraser, acreditam que provas linguísticas podem indicar apenas, que os ciganos viveram em território indiano por muito tempo, absorvendo assim sua língua, não necessariamente tendo origem naquele local. (FRASER1992, apud MOONEN)

No Brasil os primeiros ciganos que aqui chegaram, vieram expulsos de Portugal por volta dos séculos XVI e XVII, estudos indicam que neste momento, tais imigrantes foram alocados para o Maranhão, isso ocorreu para que estes ficassem mais isolados e longe de áreas ricas em minérios e dos principais portos do país, localizados no Rio de Janeiro e Salvador na época. Com o aumento da imigração, os ciganos foram ao longo do tempo se espalhando pelo Brasil e por muito tempo movendo a economia e auxiliando no crescimento demográfico em Salvador. Em terras brasileiras foram constituindo sua permanência e fazendo atividades para o sustento, como a venda de cavalos e escravos, tendo em certa época alguns enriquecido por meio de tal prática, nos arredores do Rio de Janeiro. (TEIXEIRA, 2008)

Moonen (2012) classifica cigano como o indivíduo que se diz parte de um grupo de etnia que se auto identifica como Rom, Sinti ou Calon e que seja reconhecido por algum destes povos e seus subgrupos, não importando a quantidade de membros que forma tais grupos, estes povos também são conhecidos genericamente pela expressão *Romani*. De acordo com o guia de políticas públicas para povos ciganos (2013), dados do IBGE, estimam que em 2011 haviam 291 acampamentos ciganos, em 21 estados, com maior concentração na Bahia (53), Minas Gerais (58) e Goiás (38), girando em torno de meio milhão de habitantes considerados ciganos. Tal representação pode ser observada na figura a seguir:

**Figura 1 - Mapa das Comunidades Ciganas, por município - Brasil, 2011**



Fonte: Brasil Cigano – Guia de políticas públicas para os povos ciganos (2013).

Tal população encontra-se espalhada pelo mundo e segundo alguns estudiosos recebe nomenclaturas diferentes, como ressalta Moonen (2012), sendo divididos em três grupos. O primeiro deles é o povo Roma que usam a língua *romani*, com predominância nos países balcânicos, havendo migrado no século XIX para América Latina e para o continente europeu. Outro grupo de denominação cigana são os Sinti, usuários da língua *sintó*, encontrados em países europeus como Alemanha e França, nos quais são chamados de manouch e por fim, o terceiro grupo, os Calon, falantes da língua caló, vivem principalmente em Portugal e Espanha, conhecidos como Gitanos, com o passar dos tempos, migraram pra outros países do continente europeu e da América do Sul.

Tendo em vista esta vastidão do povo cigano, é preciso considerar que embora apresentem traços em comum, cada povo possui suas particularidades, carregando assim a subjetividade de cada grupo, posto que esta população possui a capacidade de se relacionar com o mundo e consigo mesmo, através de sua "ciganidade", reforçando a cada dia sua identidade, por meio de sua cultura. Tais povos utilizam-se das similaridades entre os grupos para auto preservarem seus

costumes e sua permanência nas regiões, perpetuando sua história, pois se constata que ao longo dos tempos passaram por muitas perseguições e sofrimentos. (ANDRADE Jr. 2013, p.96)

Segundo Moonen (2012) há uma grande dificuldade em estudar tais povos no Brasil, primeiramente porque os estudos sobre os ciganos em nosso território são muito escassos, tendo em vista que não há praticamente profissionais que pesquisem estritamente nesta área. Outro fator, apresentado por Andrade Jr.(2013) seria que os povos ciganos normalmente não gostam de passar seus chamados “segredos” para os não ciganos, sentindo-se ameaçados ou invadidos por pessoas que venham a tentar buscar mais sobre a cultura cigana. Deste modo, estes povos perpetuam sua história por meio de sua oralidade, dificultando pesquisas, pela falta de documentos que contenham sua história ao longo do tempo.

Levando em consideração o conceito de representação social, Moscovici (2009) levanta a questão de que na época da Inquisição a comunidade cigana era vista como impura, um povo visto quase como satânico nesta época na Espanha, devido a heranças das diversas tradições que se perpetuam até os dias de hoje. Tal imagem acarretou em perseguições e atos de violência contra esses povos, pela população não cigana. Uma característica que marca e acompanha a noção que as pessoas têm dos povos ciganos é o nomadismo que é o contrário do modo de vida considerado comum pela sociedade na qual vivemos, representada pelo sedentarismo, indo contra a noção de progresso que é esperada pela sociedade. Sendo que para os povos ciganos a vida nômade representa apenas o viver livre, a liberdade que rege suas vidas ao longo de sua história. (CARVALHO et al, 2012)

Muitas curiosidades e lendas acompanham os ciganos, seu olhar considerado marcante e mágico é um traço que eleva o misticismo que os acompanha. Um povo considerado por muito tempo sem religião e ateu, por não seguir as práticas religiosas da maioria da população, tem como descendentes pessoas de grande importância na história do Brasil, como o ex-presidente no século XX, Juscelino Kubitschek, descendente de um dos primeiros Rom que chegou ao território brasileiro Jan Nepomusky Kubitschek. Fatores estes que não estão em livros didáticos ou semelhantes, mas que mostram como a história cigana ainda é muito obscura até os dias atuais. (TEIXEIRA, 2008)

## O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO E O POVO CIGANO

Em estudo de Coradini e Souza (2014), mostra-se a importância de novos estudos relativos à população cigana no Brasil, haja vista a escassez de trabalhos acadêmicos e documentos sobre o tema. Tais autores destacam que embora atualmente existam pesquisas sobre essa minoria que faz parte da população do território brasileiro, estas se voltam para as temáticas de identidade, habitação e escolaridade em sua maioria, corroborando com a necessidade de novas pesquisas que abordem temas diferenciados e de grande relevância para a ciência, como o processo de envelhecimento desses povos.

Ainda em Coradini e Souza (2014), nota-se que em sua história, o povo cigano foi visto na maioria dos locais por onde passavam com preconceito, por suas características físicas, etnia, crenças dentre outras marcas que os fazia diferente da classe dominante. Sua imagem é até hoje associada aos mais diversos estereótipos, passando a imagem de liberdade e alegria para alguns e de marginais, vagabundos para muitos outros. Neste estudo feito com o povo Calon que habita o Rio Grande do Norte é perceptível que esses povos vivem à margem da sociedade, em condições precárias, sem saneamento básico e acesso à políticas de saúde, com pouca escolaridade. Por meio deste, constataram a inexistência de órgãos do governo ou legislação específica que atenda às demandas da minoria cigana no país.

Em abril de 1994, foi criada a Câmara de Coordenação e Revisão dos Direitos das Comunidades Indígenas e Minorias, onde se incluíram as minorias ciganas. Apesar disso, afirma, pouco se têm de concreto em favor dos povos ciganos como fruto desses “avanços” supracitados. Sendo assim, em protesto, solicitaram a realização de uma Audiência Cigana, com o objetivo de elaborar propostas a serem encaminhadas à Conferência. Das 41 propostas apresentadas, apenas duas se relacionam especificamente ao campo da saúde, o que deixa claro que outras necessidades surgem aos olhos do grupo e são tomadas como prioritárias (MOONEN, 2011).

São elas:

1. Implantação de programas de saúde diferenciados na assistência à etnia cigana pelo SUS, priorizando ações na área de medicina preventiva, segurança alimentar, fitoterapia, DST/AIDS.
2. Garantir a presença de ginecologista mulher nas unidades móveis para que as mulheres ciganas possam realizar seus exames preventivos e de pré-natal sem criar constrangimentos dentro de sua comunidade.
3. Inclusão da etnia cigana em toda e qualquer campanha de saúde, educação, solidariedade, fraternidade e respeito às diversidades.
4. Garantir a inclusão do povo cigano a toda e qualquer campanha de saúde, educação, solidariedade, fraternidade e respeito às diversidades.

A Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, entidade criada em 2003, (SEPPIR) censurou as 10 propostas apresentadas por ONGs ciganas, que foram:

1. Garantir à toda etnia cigana o acesso aos serviços de saúde de qualidade e adequados às suas características socioculturais, suas necessidades e demandas, com ênfase nas concepções e práticas da medicina tradicional.
2. Priorizar e fortalecer os programas de pesquisa, especialmente a pesquisa participativa, voltada ao estudo e ao desenvolvimento de instrumentos de combate as principais doenças incidentes em comunidades, como a malária, dengue, doença de chagas, a anemia, falciforme, a diabetes, hepatite, câncer de pele, entre outras.
3. Garantir a presença de ginecologista mulher nas unidades de saúde, fixas ou móveis, para que as mulheres ciganas possam realizar seus exames preventivos e de pré-natal sem criar constrangimentos dentro de sua comunidade.
4. Desenvolver estratégias e políticas para capacitação de recursos humanos e o monitoramento da situação alimentar e nutricional das comunidades ciganas, com base no respeito a sua diversidade cultural.
5. Implementar ações e programas emergenciais continuados voltados para a garantia da segurança alimentar e nutricional familiar, priorizando as crianças e os idosos, levando-se em consideração suas práticas alimentares

6. Garantir a distribuição ampla e gratuita de medicamentos, bem como o diagnóstico gratuito para as comunidades ciganas.
7. Em casos de emergência, atender o cigano, independente de qualquer documento ou registro junto a unidades de saúde, em qualquer posto e em todo o território brasileiro.
8. Garantir o desenvolvimento de programa de formação e capacitação de pessoas da própria comunidade cigana para realizarem o atendimento local de saúde, garantindo-lhes os meios necessários para tal, inclusive os de emergência.
9. Garantir o tratamento odontológico e oftalmológico de qualidade para as comunidades ciganas, em especial para crianças e idosos, e ampliar a política preventiva de saúde-bucal e oftalmológica.
10. Elaborar e implementar programas contra desnutrição materno infantil, incluindo a melhoria da assistência pré-natal e pós-natal.

De ações concretas decorrentes de anos de mobilização ora mais ora menos articulada, o produto das conquistas dos povos ciganos se concentra em uma cláusula na Portaria que regulamenta o cadastramento dos usuários do SUS que dispensa a população cigana de apresentar comprovação de endereço (ALMEIDA; SILVA; PEDROSA, 2012)

“Art. 19 – Durante o processo de cadastramento deverá ser solicitado o endereço do domicílio permanente do usuário, independente do município no qual esteja no momento do cadastramento ou do atendimento”.

§ “1º - Não estão incluídos nessa exigência os ciganos nômades e os moradores de rua”

(Portaria 940, de 28 de abril de 2011)

Diante deste histórico legislativo da população cigana, o afunilamento que as políticas públicas de saúde impõem às exigências dos povos ciganos. Podemos perceber que não são exigências impostas por mero acaso, são exigências reais que se impõe frente a uma realidade opressora (ALMEIDA; SILVA; PEDROSA, 2012)

Realidade opressora esta que não estava presente somente nas aplicabilidades das políticas públicas, mas também em todo contexto desta população. Pois os Comerciantes, oficiais de justiça, artesãos, artistas, praticantes da quiromancia, os ciganos desempenhavam as mais diversas profissões, entretanto, a figura de pessoas desonestas e ladras, os acompanha até os dias de hoje, no entendimento de muitos que desconhecem sua real história.

Muitas perseguições e mortes marcam a trajetória desses povos, sendo vistos como perigosos; imagem esta muitas vezes atrelada ao caráter nômade que lhes era característico. De traços livres, por não possuírem rotina, incomodavam à sociedade, pois esta acreditava que a vida cigana era ligada ao ócio, indo totalmente contra os princípios e moralidades idealizados pela maioria. (TEIXEIRA, 2008)

Um povo marcado pela questão higienista que no século XVIII os considerava à margem da sociedade e donos de práticas questionáveis quanto à higiene, sendo considerados como sujos e impuros. A partir de tal afirmativa, surge o questionamento sobre a saúde e longevidade dos componentes desses povos. Entretanto, segundo Teixeira, algo muito notável nos ciganos sempre foi a aparência física, cabelo negro, pele de cor entre o amarelo e o cobre e uma boa forma, de corpos delineados, característica que muitos associavam ao nomadismo e a vida em contato com a natureza que os deixava mais fortes e segundo relatos, proporcionava longevidade, que era comprovada dentre os líderes que normalmente eram anciãos saudáveis e de idade elevada. (TEIXEIRA, 2008)

## **METODOLOGIA**

Inicialmente realizou-se uma busca eletrônica em bases de dados, tais como SCIELO e SCOPUS sobre a temática apresentada neste estudo nas últimas décadas. Nesta fase a pesquisa foi limitada aos termos envelhecimento, idosos e ciganos buscando fazer o levantamento das publicações e a partir deste, uma leitura dos resumos das publicações filtradas. Porém, em tais plataformas de dados, não foi encontrada nenhuma publicação que abordasse a união destes termos. Quando pesquisado o termo “cigano”, separadamente, foram encontrados poucos artigos e textos científicos, sendo necessário fazer um recorte quanto às temáticas abordadas. Desta forma, tal estudo contou com uma pesquisa de caráter

bibliográfico em livros, textos e documentos eletrônicos que contribuíram para a confecção do mesmo.

## CONCLUSÃO

Ao longo desse estudo pudemos perceber a imagem do cigano diante dos olhos daqueles que não estão dentro desta cultura, uma figura que vem acompanhada de preconceitos e estereótipos e muitas vezes de mistérios e fascínios. Um povo visto sem singularidades como se a nomenclatura “cigano” pudesse incluir todos aqueles que tinham costumes semelhantes, sem ao menos se perceber que cada povo, seja ele Rom, Calon ou Sinti, possui aspectos que os diferenciam entre si.

Uma cultura tão vasta e rica que se perde ao longo da história, por ser uma etnia de pessoas com história apócrifa, o que dificulta estudos, pela falta de documentos que contribuam para a reconstituição de toda uma trajetória cheia de costumes e crenças diferenciadas da maioria da população dos locais onde se encontram. A partir desse ponto de vista, a verdade sobre a cultura cigana ainda se encontra misturada a lendas e credices populares contadas pelos povos não ciganos, o que dificultou em partes a confecção do presente artigo.

Na tentativa de fazer um paralelo da cultura cigana ao longo dos tempos e o envelhecimento destes povos, esbarra-se na multiplicidade cultural e na escassez de registros que corroborem com a noção de velhice que se tem dessa etnia. A partir deste estudo que busca uma reflexão em tal temática, sugerem-se novos estudos nesta área para a elaboração de políticas públicas que contribuam com a senescência da etnia cigana, garantindo-lhes direitos igualitários quanto à saúde e um processo de envelhecimento digno.

## REFERÊNCIAS

- Almeida, M.G; Silva, T.M.G.V; Pedrosa, J.I.S; Saúde de povos ciganos no Brasil: uma revisão integrativa. Universidade Federal do Piauí. Convibra saúde – Congresso virtual brasileiro de educação, gestão e promoção da saúde, 2012. Acesso dia 10 de junho de 2017 - [saude.convibra.com.br](http://saude.convibra.com.br)
- Andrade, Lourival Jr. Os ciganos e os processos de exclusão. Revista Brasileira de História, vol. 33, no 66.

- Araujo, L.F., & Carvalho, L.A.M.L, Aspectos sócio- históricos e psicológicos da velhice. *Mneme Revista de humanidades*, 6(13), 228-36, 2005.
- Brasil. Guia de políticas públicas para povos ciganos, 2013.
- Beauvoir, S. A velhice (4 ed.) – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- Carvalho, N. C. et al. Representações sociais dos ciganos em Sergipe: contato e estereótipos. *Psicologia e Saber Social*, 1(2), 232-244, 2012
- Cícero, M. T., Saber envelhecer: seguido de amizade, Porto Alegre: L&PM, 2006.
- Costa, G.A. Tríplice visão do envelhecimento: longevidade, qualidade de vida e aspectos biopsicossociais da velhice. Uberlândia: Ed. da UFU, 2003.
- Coradinl, L.; Souza, V. A. Os ciganos do Rio Grande do Norte: caminhos e trânsitos *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 205-229, 2014.
- Fonseca, A. M. (2006). *O Envelhecimento Uma Abordagem Psicológica* (2 ed.). Lisboa: Universidade Católica.
- Fonseca, A. M. (2010). Promoção do desenvolvimento psicológico. Acedido a 22 de Maio de 2017, de Periódicos Eletrônicos em Psicologia, em:[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S198334822010000200006&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S198334822010000200006&script=sci_arttext)
- Fraser, A. *The Gypsies*, Oxford: Blackwell Publishers 1998. *História do Povo Cigano*, Lisboa: Editorial Teorema],1992.
- Heck, R. M.; Langdon, E.J. M. Envelhecimento, relações de gênero e o papel das mulheres na organização da vida em uma comunidade rural. In: MINAYO, M.C.S; COIMBRA JR, C.E.A. (Org.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. P. 129-151.
- Malloy-Diniz L.F., Fuentes D., Cosenza R. M. *Neuropsicologia do Envelhecimento: uma abordagem multidimensional*. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- Moonem, Frans. Políticas ciganas no Brasil 1988 -2010. Ensaio publicado como capítulo 11 do livro *Anticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil*, Recife, 3 ed. digital, 2011.
- Moonen, Frans. *Anticiganismo e políticas ciganas na Europa e no Brasil*. Recife, 2012.
- Moscovici, S. Os ciganos entre perseguição e emancipação. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 24, n. 3, p. 653-678, set./dez. 2009.
- Neri, A. L., *Palavras-chave em gerontologia*. Campinas: Alíneo, 2009.
- Organização Mundial De Saúde. (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Acedido a 22 de maio de 2017, em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento\\_ativo.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf)

Uchôa, E.; Firmo, J.O.A. antropologia, saúde e envelhecimento. In: minayo, M.C.S.; coimbra JR., C.E.A. (Org.). Envelhecimento e saúde: experiência e construção e cultural. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.p 25-35

Silva, M.C.O Processo de envelhecimento no Brasil: desafios e perspectivas. Textos Envelhecimento, v.8 n.1.2005. Disponível em: <http://www.unati.uerj.br> – acesso em: Abril. 2017

Teixeira, R. C. História dos ciganos no Brasil. Núcleo de Estudos Ciganos, Recife 2008, 127pp.

Vieira, Brandão E. Manual de gerontologia. São Paulo: Papirus, 1995.